

AMOR FATI COMO CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA A AFIRMAÇÃO DO ETERNO RETORNO

Barbara Smolniakof*

Resumo: Este texto faz parte de uma investigação a respeito do eterno retorno como modo de superação do niilismo e se deterá à noção de *amor fati* como o que acreditamos ser a condição necessária para a afirmação do eterno retorno. Para tanto, será feita uma leitura dos textos onde Nietzsche menciona o *amor fati* e o relaciona ao eterno retorno. Acreditamos que essa relação não é tão explícita nos textos nietzschianos, por isso se faz necessária uma clarificação do conceito *amor fati* e apresentação dele como uma aprendizagem.

Palavras-Chave: *Amor fati*. Eterno retorno. Aprendizagem. Zarathustra.

AMOR FATI AS NECESSARY CONDITION FOR THE AFFIRMATION OF THE ETERNAL RETURN

Abstract: This text is part of an investigation regarding the eternal return as a way of overcoming nihilism and will focus on the notion of *amor fati* as what we believe to be the necessary condition for the affirmation of the eternal return. For that, a reading of the texts will be made where Nietzsche mentions the *amor fati* and relates it to the eternal return. We believe that this relationship is not so explicit in Nietzschean texts, so it is necessary to clarify the concept of *amor fati* and present it as a learning process.

Keywords: *Amor fati*. Eternal return. Learning. Zarathustra.

INTRODUÇÃO

“*Eu vos rogo, meus irmãos, permaneçei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas*”
(NIETZSCHE, *Assim Falou Zarathustra*, Prólogo, p.30)

Este trabalho dá continuidade a uma questão já elaborada em um texto anterior que diz respeito à superação do niilismo através do eterno retorno. Mas foca em um conceito novo: o *amor fati*. Defendemos que ele é um critério necessário para a afirmação do eterno retorno. Nietzsche afirma em seu *Zarathustra* que o eterno retorno é

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

a fórmula da mais plena afirmação da existência¹⁷⁶. Isto implica assumir o niilismo como processo histórico e caráter geral do próprio mundo, pois a afirmação “plena” da existência abrange o caráter da vida e do mundo como um todo, inclusive a característica de não ter um sentido ou valor que subjaz a ele. Esta hipótese é assumida a partir da consideração de que para Nietzsche os valores são criados pelo homem na medida em que ele vive. Neste sentido, o mundo nele mesmo, sem a interferência da valoração humana, não tem sentido, pois não tem um valor independente da atividade humana de valorar.

Levamos em consideração também que assumir uma eterna repetição de todos os instantes vividos, tal como sugere o movimento do eterno retorno, pode levar ao desespero de que o homem pequeno e tudo o que é ruim também retorna. Assim, faz-se necessário um critério de afirmação para esse retorno, que é o *amor fati*. Parece ser o *amor fati*, portanto, o critério que possibilitaria alcançar a mais plena afirmação da existência através do pensamento do eterno retorno. Porém, defendemos aqui que o critério do *amor fati* age como uma *aprendizagem*, ou seja, que é preciso aprender a amar a vida e seu eterno retorno para afirmá-lo. Essa hipótese não é nova, nesse sentido, aqui apenas a reforçamos e buscamos contribuir para seu esclarecimento.

Para entender como o *amor fati* não só está relacionado ao eterno retorno, mas antes o possibilita, é necessário ver onde e de que modo aparecem estes conceitos. Nesse sentido, este artigo se deterá em três obras de Nietzsche e apresentará a relação entre *amor fati* e eterno retorno de modo mais específico numa passagem de *Ecce homo* e em *Assim Falou Zaratustra*.

A PRIMEIRA FORMULAÇÃO EM A GAIA CIÊNCIA

É em *A Gaia Ciência* onde Nietzsche apresenta o *amor fati* pela primeira vez, no início do Livro IV, num aforismo intitulado *Para o Ano-Novo*. Ali Nietzsche apresenta o seu maior desejo frente ao novo ano que se aproxima: ele quer *aprender* a ver como *belas* as coisas *necessárias* e a *amá-las*. Nietzsche entende como *necessário* o que se

¹⁷⁶ Nietzsche, EH, *Assim Falou Zaratustra*, p.79.

efetiva e não pode ser alterado, o que é de fato concretizado, isto é, o destino¹⁷⁷. Contudo, o destino não parece ser no pensamento nietzschiano uma determinação teleológica, mas uma criação do próprio homem na medida em que ele, como vontade de poder, age e efetiva no mundo suas forças¹⁷⁸.

O desejo de Nietzsche é aprender a ver este destino como belo e, assim, amá-lo, isto é o *amor fati* (amor ao destino). É na forma de um pedido, portanto, que o *amor fati* aparece. Com ele, Nietzsche quer chegar à afirmação do destino e da vida sendo dessa forma alguém que diz “Sim”:

[...] Quero cada vez mais **aprender** a ver como belo aquilo que é **necessário** nas coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser algum dia, apenas alguém que **diz Sim!**¹⁷⁹

Segundo Elgat, este trecho apresenta dois momentos que caracterizariam a postura frente ao *amor fati*. O primeiro momento é da *aprendizagem* de ver como belas as coisas (isto é, da necessidade). O segundo é da *afirmação* dessa necessidade. Os dois momentos são implicados um pelo outro: aprender a ver como belo o necessário, que é o destino, implica amar e, por conseguinte, afirmar o próprio destino¹⁸⁰. Nesse sentido, a aprendizagem de ver as coisas como belas implica o ato de amar.

É de se observar aqui, e Elgat já chamara a atenção para esse ponto, o termo “aprender”. Ao denominar como um *aprendizado* a postura do *amor fati*, o que Nietzsche teria em mente não seria um afeto que acontece inexplicavelmente em alguém e preenche o coração do homem com o pleno amor ao destino, nem um tipo de amor puro que acontece sem relação com o que o homem faz. Como so *amor fati* é uma

¹⁷⁷ Sobre o necessário como destino e como aquilo sobre o que não se pode fazer nada, cf. Elgat, E. *Amor fati as Practice: How to Love Fate*, p.177-178. Embora Elgat não saiba ao certo dizer qual a natureza que tem este “necessário” no pensamento de Nietzsche, visto que ele mesmo não o diz – se é metafísica ou lógica, ou outra – o comentador salienta que diz respeito ao aspecto de nada poder ser feito sobre algo do mundo, ou da relação entre homem e mundo.

¹⁷⁸ Embora muito importante, não teremos condições de abordar o conceito de vontade de poder aqui, pois foge do nosso escopo, nesse sentido ele está sendo tomado como pressuposto. Do mesmo modo, o niilismo também aparece mais como conceito subalterno, nosso foco aqui é apresentar o *amor fati* como condição de afirmação do eterno retorno.

¹⁷⁹ Nietzsche, GC §276, p.166. Ênfase do autor e grifo nosso.

¹⁸⁰ Cf. Elgat, E. *Amor fati as Practice: How to Love Fate*, p.176.

aprendizagem, exige-se uma *prática*, ou seja, ele é algo que deve ser praticado de modo tal que o homem *aprenda a amar*.

Essa hipótese pode ser trabalhada também em consonância com outro aforismo d'A *Gaia Ciência*, o §334, intitulado *É preciso aprender a amar*. Nele Nietzsche fala sobre o processo de aprender a ouvir uma música até que a *suportemos* e nos *habitueemos* a ela, a ponto de não mais podermos ficar sem ela. O mesmo parece acontecer com tudo o que amamos. Na medida em que nos dispomos com “ternura para com o que é estranho” somos recompensados a ver a beleza por detrás deste estranho¹⁸¹. E com relação ao amor ao destino não é diferente: ele também é aprendido através dessa prática: “devemos treinar e fazer algo para poder ver a beleza no destino”¹⁸².

O fato de que um dos momentos da prática do *amor fati* é não só amar o necessário, mas antes vê-lo como *belo*, exige assumir as coisas *como* belas. Ora, se o desejo que envolve o *amor fati* é *embelezar* as coisas para amá-las, então, as coisas mesmas já não são belas, pois se fossem não seria necessário aprender a vê-las *como* belas. Podemos dizer com Elgat, então, que o objeto do *amor fati*, além de ser o necessário, ou o destino, seria também o *feio*¹⁸³.

Ver como belo o que é feio e estranho é, portanto, o que se pretende aprender com o *amor fati*. Além disso, outro aprendizado que o *amor fati* parece trazer é desviar o olhar quando tornar belo for impossível. Desviar o olhar parece ser preferível nesse sentido a emitir um juízo de valor negativo a respeito de algo¹⁸⁴, pois a pretensão do *amor fati* é o simples dizer “sim” às coisas e não condená-las.

CONTRIBUIÇÕES DE *ECCE HOMO*

Embora Nietzsche utilize o termo *amor fati* pela primeira vez n'A *Gaia Ciência*, ali ele não parece estar vinculado ainda ao pensamento do eterno retorno, mas aparece somente como um pedido: Nietzsche deseja algum dia ser alguém que apenas diz

¹⁸¹ Cf. Nietzsche, GC §334, p. 196-197.

¹⁸² Elgat, E. *Amor fati as Practice: How to Love Fate*, p.177.

¹⁸³ Cf. Elgat, E, *Amor fati as Practice: How to Love Fate*, p.178; no aforismo 334 mencionado acima o feio pode ser associado ao que é estranho. Ver também nota de rodapé de número 9 do artigo de Elgat, onde ele salienta que o feio é tipicamente associado ao negativo no pensamento de Nietzsche. Sendo assim, o objeto que se deve aprender a amar com a prática do *amor fati* seria também o negativo.

¹⁸⁴ Cf. Nietzsche, GC § 276.

“Sim”¹⁸⁵. Um vínculo mais específico com o eterno retorno pode ser encontrado em *Ecce homo*, onde ele caracteriza o *amor fati* como a fórmula para a grandeza do homem.

Minha fórmula para a grandeza do homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja por toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo*...¹⁸⁶

Neste trecho da seção intitulada *porque sou tão inteligente* parece estar pressuposto o que foi colocado n’A *Gaia Ciência*, pois dizer “sim” a tudo implica nada querer diferente, mas querer incondicionalmente tudo tal como vem a ser, isto é, amar o que é necessário. Não só no presente, mas em todas as instâncias do tempo: tanto em relação ao passado (“seja para trás”: tudo o que já aconteceu e não poderia ter acontecido de outro modo), quanto ao futuro (“seja para a frente”: tudo o que acontecerá) e ao próprio instante presente (“seja por toda a eternidade”: o que está acontecendo e pode se repetir um número infinito de vezes)¹⁸⁷. Ao juntar tempo e eternidade e pensá-las na fórmula que descreve o *amor fati*, Nietzsche parece estar mais uma vez fazendo alusão ao eterno retorno e apresentando o *amor fati* como um critério para sua afirmação. É nesse sentido, de critério para o eterno retorno, que o *amor fati* se apresenta como a fórmula para a grandeza do homem e da afirmação da sua vontade.

O trecho sobre o *amor fati* continua com uma menção ao objeto deste amor: “não apenas suportar o **necessário**, menos ainda ocultá-lo [...] – mas *amá-lo*”¹⁸⁸. Aparece novamente o necessário como elemento que dá significado ao *amor fati*. Diante do necessário, que é o próprio destino, a postura correta não seria suportá-lo ou aceitá-lo resignadamente, sequer ignorá-lo, mas amá-lo, porque também faz parte do homem, é sua obra como Nietzsche diz em um fragmento póstumo de 1884¹⁸⁹.

Ainda em *Ecce homo*, mas em seção diferente, dessa vez n’O *caso Wagner*, Nietzsche fala do *amor fati* como sendo sua “natureza mais íntima” e alega que o

¹⁸⁵ Cf. Rubira, L. O *amor fati* em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração?, p. 229.

¹⁸⁶ Nietzsche, EH, porque sou tão inteligente, p. 49.

¹⁸⁷ Cf. Machado, R, *Zaratustra: Tragédia nietzschiana*, p.150.

¹⁸⁸ Nietzsche, EH, porque sou tão inteligente, p. 49. Nosso grifo.

¹⁸⁹ Cf. Nietzsche, F. FP 1884 26[284], onde Nietzsche apresenta, dentre outras coisas, os meios de suportar o pensamento do eterno retorno elencando todos os seus principais conceitos: transvaloração dos valores, a vontade de poder e a criação como elemento constituinte do homem enquanto vontade de poder, que constrói seu próprio destino à medida que efetiva suas forças no mundo e diz “isso é também nossa obra”. Dado que o destino é criado pelo próprio homem não há porque ele se resignar frente a ele e não amá-lo, pois é obra sua.

necessário não o fere¹⁹⁰, pois aprendeu a amá-lo. O contexto é a crítica que ele dirige aos alemães, principalmente no âmbito da música e a Wagner, e a pouca repercussão que teve a publicação de seu livro *Assim Falou Zaratustra*. Ao denominar o *amor fati* como sua natureza mais íntima, Nietzsche sugere não ter sido abalado com o silêncio que se seguiu da publicação do trabalho mais importante de sua vida filosófica. Ele simplesmente aceitou o ocorrido e se não o viu como algo belo, ao menos desviou o olhar.

No mesmo sentido, na seção *por que sou tão inteligente*, onde ele descreve sua fórmula do *amor fati*, diz que aquele último outono foi de extrema alegria e leveza para ele: “a vida tornou-se-me leve, a mais leve, quando exigiu de mim o mais pesado”¹⁹¹ e que nem mesmo em época de severa doença ele foi doente. Aqui ele está fazendo alusão ao *amor fati* como uma postura diante da vida e do necessário, viu como bela e afirmou até mesmo a doença que o assolou e o impediu de escrever. Apresentou um comportamento oposto ao do instinto vingativo e assumiu tanto os momentos bons quanto os ruins de sua existência.

A partir da apresentação do *amor fati* como a aprendizagem de amar, que tem como objeto o necessário, ou o destino, é possível vinculá-lo ao eterno retorno e caracterizá-lo como o critério de afirmação deste pensamento. Através do aprendizado do amor ao que é necessário, a experiência do eterno retorno é vista sob uma perspectiva afirmativa, não só em relação ao próprio pensamento, mas à vida como um todo que retorna. E isso inclui o reconhecimento do próprio mundo como sendo sem sentido e valor próprios. Pois, uma vez que os valores são criados pelo homem na medida em que ele se exerce no mundo enquanto vontade de poder, então, o mundo, por ele mesmo, é destituído de valor¹⁹².

Contudo, reconhecer o caráter do mundo como o que não tem sentido e valor não é apenas parte constituinte do niilismo. É também condição para que o homem se reconheça como o próprio doador de sentido e valor para o mundo. Portanto, o *amor fati* como amor ao necessário possibilita reconhecer que o mundo não tem um sentido prévio ou anterior à valoração humana. E é a partir desse reconhecimento que o homem

¹⁹⁰ Cf. Nietzsche, EH, O caso Wagner, p.101.

¹⁹¹ Nietzsche, EH, Porque sou tão inteligente, p.48.

¹⁹² Cf. Nietzsche, GC §109 e 301, p. 126 e180 respectivamente.

é capaz de exercer a atividade que mais o caracteriza enquanto vontade de poder: criar valores e atribuí-los ao mundo conferindo-lhe sentido.

O AMOR FATI EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA

Já no Zaratustra, o *amor fati* é apresentado como a *coragem*, elemento que o permite enfrentar o anão e morder a cabeça da cobra que o sufocava na sessão *Da visão e do Enigma*. É também o *amor fati* que permite Zaratustra aceitar seu destino (anunciado pelos seus animais) como mestre do eterno retorno. *Da visão e do enigma* mostra, após a briga de Zaratustra com o anão, a cena de um pastor sendo sufocado por uma cobra, é possível esclarecer esta cena quando lida em conjunto com a seção *O Convalescente* (Parte III), onde Zaratustra finalmente evoca o pensamento do eterno retorno. Ali, n’*O Convalescente*, ele chama seu pensamento: quer ouvi-lo, incorporá-lo a partir da relação que ele estabelece entre a vida enquanto vontade de poder, a dor como parte constituinte da existência e o círculo como a infinita repetição de todas as coisas. Mas então acontece o que foi narrado em *Da visão e o enigma*: ele é sufocado pelo nojo, elemento constituinte do niilismo, representado pela serpente:

Eu, Zaratustra, o defensor da vida, o intercessor da dor, o assertor do círculo – chamo a ti, ó meu abismal pensamento!
Viva! Estás vindo – eu te ouço. O meu abismo *fala*, revolvi e trouxe à luz a minha última profundidade!
Viva! Vamos! Dá cá a mão – ah! Não! Ah! Nojo! Nojo! Nojo... Ai de mim!¹⁹³

E eis que Zaratustra finalmente incorpora o pensamento do eterno retorno, cujo conteúdo é dito pelos seus animais: que tudo vai e tudo volta, eternamente gira a roda do ser; que tudo morre e refloresce e eternamente transcorre o ano do ser; que tudo é feito e refeito e eternamente se reconstrói a casa do ser; que em cada instante começa o ser e curvo é o caminho da eternidade¹⁹⁴. Em outras palavras: “que eternamente retornam todas as coisas e nós mesmos com elas e que infinitas vezes já existimos e todas as coisas conosco”¹⁹⁵.

¹⁹³ Nietzsche, ZA, *O Convalescente* I, p.222.

¹⁹⁴ Nietzsche, ZA, *O Convalescente* II, p.224.

¹⁹⁵ Nietzsche, ZA, *O Convalescente* II, p.226.

Essa afirmação do eterno retorno é a mesma coisa que Zaratustra havia somente problematizado em *Da visão e do enigma*. Lá ele discute com o anão e causa a visão do pastor sendo sufocado por uma cobra, que é a representação do niilismo passivo, como o próprio Zaratustra fala: “o grande fastio que sinto do homem – isto penetrara em minha goela e me sufocava; e aquilo que proclamava o adivinho: ‘Tudo é igual, nada vale a pena, o saber nos sufoca’”¹⁹⁶.

O grande problema desencadeado pelo pensamento do eterno retorno, que causa nojo em Zaratustra, é que, com tudo, retorna também o homem pequeno, fraco, niilista. E esta possibilidade do retorno do pequeno fez com que Zaratustra ficasse mal frente ao pensamento do eterno retorno e estendesse esse mal-estar para toda a existência. O fato de que o niilismo passivo retorna com tudo o deixa doente: pois qual o sentido de superar algo que inevitavelmente retornará?

E é aí que parece pertinente a *coragem*, isto é, o *amor fati*, como o elemento que o permite enfrentar ou “morder” este pensamento insuportável e, com isso, redimir-se frente à ausência de sentido que é o niilismo. É através do amor ao seu destino como mestre do eterno retorno que ele conseguirá reconhecer este pensamento e afirmar que:

Retornarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente – não para uma nova vida ou uma vida melhor ou semelhante –

Eternamente retornarei para esta mesma e idêntica vida, nas coisas maiores como nas menores, para que eu volte a ensinar o eterno retorno de todas as coisas –¹⁹⁷.

Ao que parece, Zaratustra afirma nesta seção o mesmo já anunciado em *Da visão e do enigma*, contudo, o tom que ele assume para falar de seu pensamento é diferente. Lá ele ainda não parecia ter incorporado e reconhecido como sua tarefa o pensamento de que todas as coisas retornam. Ele havia apenas problematizado a possibilidade do retorno através de questões feitas a respeito do tempo¹⁹⁸. Ao passo em

¹⁹⁶ Nietzsche, ZA, *O Convalescente* II, p.225. Sobre a problematização de que o homem pequeno também retorna ver Rubira, L. *O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração?*, p.233. O comentador chama atenção para a questão de qual o sentido de combater o niilismo e o homem pequeno se eles retornam com tudo na hipótese do eterno retorno.

¹⁹⁷ Nietzsche, ZA, *O Convalescente* II, p.227. Ênfase de Nietzsche

¹⁹⁸ Cf. Nietzsche, ZA, *Da visão e do enigma* II, p. 166-167.

que em *O Convalescente*, ele já reconhece seu destino como o mestre do eterno retorno e se diz porta-voz da vida, da dor e do círculo.

Na medida em que a dor também é assumida como parte constituinte da existência, Zaratustra afirma cada instante da vida. Ademais, na medida em que a dor é conciliada com o círculo, ele parece estar afirmando plenamente e reconhecendo que cada instante retornará um número infinito de vezes. O eterno retorno é, então, incorporado somente através da aprendizagem do amor ao necessário, o que inclui também a dor. Além disso, diferentemente do que está em *Da visão e do enigma*, onde Zaratustra confronta o niilismo e é quase vencido por ele, em *O Convalescente* ele enfrenta o niilismo e o supera, como indica o trecho em que ele diz: “e de que modo aquele monstro me penetrou na goela, sufocando-me! Mas eu lhe mordi a cabeça e a cuspi longe de mim.”¹⁹⁹.

A passagem supracitada se refere a uma lembrança que Zaratustra descreve na seção *Da visão e do enigma*. A cena do pastor sendo picado por uma serpente é uma visão do próprio Zaratustra enfrentando o niilismo quando cogita a possibilidade do eterno retorno. A seção onde Zaratustra nos revela que ele próprio é esse pastor é chamada *O Convalescente* justamente porque Zaratustra está convalescente da picada, ou seja, ele está se recuperando do confronto com o niilismo. E é a leitura desta seção que nos indica que Zaratustra superou o niilismo, através da mordida que dera na serpente. A mordida é o que representa o *amor fati*, elemento que dá a Zaratustra a coragem para superar o niilismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos aqui que a interpretação do eterno retorno como forma da mais plena afirmação é possível somente a partir do critério do *amor fati*. Enquanto aprendizagem, o *amor fati* ensina o homem a ver a vida e a necessidade que nela se inscreve como seu objeto de amor. Parece que Zaratustra se confronta com as duas perspectivas lançadas desde *A Gaia Ciência* no famoso aforismo 341 sobre o eterno retorno: se ele não estiver preparado para a possibilidade do eterno retorno que, no

¹⁹⁹ Nietzsche, ZA, *O Convalescente* II, p.224.

fundo, implica apenas a repetição das coisas tal como elas são efetivadas, inclusive pelo próprio homem, ele seria destruído por este pensamento. Mas se estiver de bem *consigo mesmo*, o pensamento de que a vida, como é vivida e criada pelo homem, retorna um número infinito de vezes, pode ser o próprio modo pelo qual o homem afirma sua existência²⁰⁰.

Com uma postura ativa ou corajosa diante da possibilidade do eterno retorno, o homem é capaz de superar o niilismo, pois apesar de ver o mundo como destituído de sentido, ainda será capaz de criar um sentido para ele. Com efeito, a partir da aprendizagem do *amor fati*, a desvalorização, ausência de sentido do mundo ou o que é feio deixam de ser um problema para o homem, pois ele reconhece sua capacidade criadora e é capaz de querer a vida, inclusive o aspecto inerente ao mundo de não ter em si um valor intrínseco.

Querer a vida, mesmo um número infinito de vezes, é o modo que Zarathustra encontra de valorizar as coisas terrenas, tal como ele aconselha logo após descer de sua caverna e se encontrar com os homens no prólogo indicado na epígrafe deste trabalho. Assumir como possível a hipótese do eterno retorno e viver como *se fosse* realmente repetir eternamente é a mais alta forma de afirmação que se pode alcançar, porque com ela a terra e a vida são assumidas e vividas pelo homem sem submetê-las a qualquer pensamento teleológico, metafísico ou religioso.

Nesse sentido, trata-se de simplesmente afirmar o instante que é vivido e querer vivê-lo como se ele fosse de fato retornar. E se por um único instante nos passou pela cabeça a ideia de que gostaríamos de vivê-lo, tal como o vivemos (sem nada de diferente, melhor ou maior) infinitas vezes, então com isso, não iríamos querer apenas este instante inúmeras vezes, mas a existência como um todo, visto que todos os instantes estão encadeados constituindo, assim, a eternidade²⁰¹. Querer o eterno retorno do instante implica, portanto, querer o eterno retorno de toda a existência, que, por sua vez, implica a afirmação deste eterno retorno como o modo de afirmação da própria existência.

²⁰⁰ Cf. Nietzsche, GC §341, p.205.

²⁰¹ Cf. NIETZSCHE Nachlass/FP 7[38] final de 1886-primavera de 1887.

REFERÊNCIAS

ELGAT, E. *Amor fati* as Practice: How to Love Fate. In: *The Southern Journal of Philosophy*, 54(2), 2016, 174-188. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/sjp.12171>. Acesso em: 06/09/2020.

MACHADO, R. *Zaratustra. Tragédia nietzschiana*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

NIETZSCHE, F. W. *A Gaia Ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Fragmentos Póstumos. Volumen III (1882-1885)*. Edición realizada bajo los auspícios de la Sociedad Española de Estudios sobre Nietzsche (SEDEN). Traducción, introducción y notas de Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. Madrid: Editorial Tecnos, 2010.

NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos Póstumos. Volumen IV (1885-1889)*. Madrid: Editorial Tecnos, 2006.

RUBIRA, Luís. *O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração?* *Polymatheia*, Fortaleza, v.4, n.6, p. 227-236, 2008.